

ESTE É O CASO DO ALEMÃO QUE CHEGOU A SÃO LEOPOLDO TRAZENDO UMA CÍTARA.

“Eis a terra da promessa”, disse em 24 de julho de 1824 o Capitão no navio ao desembarcar em São Leopoldo a primeira leva de imigrantes alemães, “sirvam-se, ó colonos”. Hans-Georg Schmidt olhou para o minúsculo porto, para a selva, e estreitou junto a si o estojo em que trazia uma cítara. Instalados na casa da Feitoria Velha, ele o primeiro que fez foi tirar a cítara do estojo; afinou-a, e encheu os ares com o coral dos anjos de suas melancólicas baladas. Os colonos, que queriam dormir depois da longa viagem, mandaram-no ver se não estavam na esquina.

Levado para suas terras, Hans-Georg construiu uma cabana de barro e palha e pôs-se a arar e plantar. À noite, fazia recitais para os bugios, que lhe respondiam com suspiros ensurdecedores. Seus companheiros de imigração lamentavam, “Hans-Georg, so jung und so farrükt”. Nem tão louco nem tão moço como diziam: aos trinta anos, considerava-se o homem mais certo de todos, porque entendia a Natureza. Passou a ter delírios, porém. Julgava-se nos vinhedos do Mosela e, ao contemplar os entardeceres do Rio dos Sinos, executava canções de caça e pesca. Mesmo assim, teve o tino de colher o que plantara, vendeu a safra e em dois anos construía uma simpática casa enxaimel.

Um dia resolveu casar-se com Fridoline Armstadt, e foi sua desgraça, pois esta não tinha o menor pendor musical, coisa que ele deveria ter averiguado antes. Ao amanhecer da noite de núpcias, Fridoline pôs um pano na cabeça, chinelas bordadas e decidiu não deixar um pó sequer maculando os móveis — talvez para limpar-se dos pecados noturnos, como poderia interpretar mais tarde o Doutor de Viena. Ao topar com a famigerada cítara, respeitou-a, limitando-se a espanjá-la, mas depois o fez com tanto brio germânico que o instrumento se desafinou todo. Hans-Georg achou aquilo natural e afinou de novo; enquanto a esposa deixava a alma no fogão, ele a brindou com uma valsa de amor. Dava gosto ouvir aqueles sons atravessando a janela e expandindo-se pelo mato. Fridoline, conformada e desconhecadora dos filmes de Herzog, apenas sorria.

Ao nascer-lhes o primeiro filho, Fridoline já não sorria, pois conhecia de cor todas as músicas do marido. E disse: “A cítara atrapalha o sono do menino”, um futuro varão de olhos verdes e cabeleira dourada. Hans-Georg foi tocar debaixo de uma palmeira onde cantavam sabiás. Mesmo assim, seus acordes chegavam até à casa, e Fridoline veio para a porta e gritou ao marido, brandindo um rolo de massa “ou o menino ou essa merda”.

O Pastor luterano sugeriu a Hans-Georg que tocasse no salão da paróquia, aos domingos após o culto. Boa solução, nos primeiros tempos: o salão enchia-se de gente. Mas os colonos naquela época pensavam mais em suas lavouras, e logo preferiram dedicar o resto do domingo a coisas mais úteis. Ao fim de dois meses, ele tocava apenas para o estóico clérigo e sua entediada família. Quando dedilhou para mais ninguém, Hans-Georg resolveu guardar para sempre a cítara, remetendo-a ao sótão, onde ganhou a sólida poeira do esquecimento.

Muitos anos se passaram. Vieram outros filhos, Hans-Georg engordou, Fridoline ganhou rugas preocupadas. Ambos morreram quando deviam. O primogênito certa vez resolveu inspecionar o sótão, e encontrou a cítara. De temperamento romântico, limpou-a, tomou aulas com um velho imigrante e pôs-se ele a tocar. Como os tempos eram outros, e os colonos já dispunham de vagares para a arte, foi erigido a músico municipal, dando recitais em todo o vale dos Sinos — por um ano.

Até que casou com uma moça que certo dia lhe disse: “Hans-Georg, o que tocas me dá dor de dente”.

Hoje, enfim, a cítara descansa em paz ao lado de um cartão informativo, no Museu Municipal de São Leopoldo. Os visitantes, ao vê-la, divagam, sonhadores e muito históricos: “Como não tocou, essa cítara”.